



Epístola Introdutória

WALTER SCOTT

Tradução de Fábio Fonseca de Melo

A publicação deste texto é uma indicação do Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada da FFLCH-USP.

Da parte do capitão Tagaretreco ao Rev. Dr. Seco'Mopó

Caro senhor,

Prontamente aceito e retribuo as civilidades com as quais vós tivestes o prazer de me honrar em vossa obsequiosa carta, e concordo inteiramente com vossa citação, “*Quam bonum et quam jucundum*”¹! Podemos, de fato, considerar-nos como vindos da mesma família, ou, conforme o provérbio de nosso país, como sendo todos filhos do mesmo homem; e não era preciso nenhuma justificativa de vossa parte, caro senhor reverendo, para pedir-me qualquer informação que eu possa fornecer a respeito do assunto de vossa curiosidade. A entrevista a que aludis teve lugar no curso do inverno passado, e encontra-se tão profundamente registrada em minhas recordações que não é necessário esforço algum para recobrar seus detalhes mais minuciosos.

Tendes ciência de que o quinhão que me coube por levar o romance intitulado *O Mosteiro* a conhecimento público imputou-me uma espécie de personagem da literatura de nossa metrópole escocesa. Não me encontro mais na frente da loja de nossos bibliopolas, barganhando pelos objetos de minha curiosidade com empregadinhos desrespeitosos, esmagado entre rapazolas que vêm comprar

Esta “Epístola Introdutória” foi escrita por Walter Scott como prefácio a *The Fortunes of Nigel* (1822). Nela, Scott usa a forma epistolar (carta em primeira pessoa em que o autor expõe suas inquietações, elaborações e posição pessoal acerca de um determinado assunto) para discutir, sob o artifício do diálogo ficcional e da intimidade da carta, temas que vão da estrutura narrativa à indústria editorial de sua época, demarcando, em cada terreno, suas idéias e posicionamentos. O contraste feito pelo autor entre a estrutura narrativa de Fielding, “regular e conectada”, e as de Smollet e Le Sage (e até dele próprio), “pouco trabalhadas e tenuamente juntadas, mas... [com] interesse suficiente para entreter”, serviu, inclusive, à análise de Antonio Candido sobre *Macário e Noite na Taverna*, de Álvares de Azevedo, em *A Educação pela Noite e Outros Ensaios* (São Paulo, Ática, 1987). O original utilizado nesta tradução foi extraído do apêndice a *The Fortunes of Nigel*, em Walter Scott, *The Waverley Novels*, Edimburgo/Londres, Black, 1892, v.3, pp. 720-4. Devo agradecer a Suely de Oliveira, bibliotecária diretora do Subdepartamento de Referência e Informação da Biblioteca Municipal Mário de Andrade, pela gentil colaboração no acesso ao material (F.F.M.).

As notas do tradutor encontram-se no final do texto.

corderias* e cadernos de caligrafia e criadinhas regateando centavos no preço do papel, mas sou cordialmente recebido pelo próprio bibliopola, com um “Rogo-vos que venhais para o fundo da loja, capitão. Rapaz, pegue uma cadeira para o Capitão Tagaretreco. Cá está o jornal, capitão – edição do dia de hoje”; ou, “Eis a obra mais recente – cá nesta pasta, fique à vontade com as folhas”; ou, “Ponde-a em vosso bolso e a levei convosco para casa”; ou, “Tereis tratamento de livreiro, senhor – e a levareis pelo preço de revenda”. Ou, talvez, se for a publicação mais valiosa do próprio comerciante, sua liberalidade pode se estender até mesmo a “Não vos importeis de eu fazê-la por essa bagatela a vossa senhoria, senhor – trata-se de um exemplar excedente. Fazei apenas o obséquio de mencionar a obra a vossos amigos leitores”. Sem falar da aconchegante e bem-selecionada festa literária arranjada em torno de um rodovalho, de uma perna de um carneiro de cinco anos ou de outro atavio tal, ou da circulação de uma informal garrafa da reserva de rótulo negro preferida de Robert Cockburn† – não, talvez uma azul das melhores, para acelerar nossa conversa sobre livros antigos, ou nossos planos de novos. Tudo isso são confortos reservados aos tais cidadãos da corporação das letras, e eu tenho a vantagem de apreciar-lhes à perfeição.

Mas todas as coisas mudam sob o sol; e não é sem sentimentos ordinários de pesar que, em minhas visitas anuais à metrópole, eu agora falto às sociais e calorosas recepções do sagaz e gentil amigo‡ que primeiro apresentou-me ao público; que teve mais perspicácia original do que poderia ter uma dúzia de professados enunciadores de boas coisas, e mais vivo humor do que poderia fazer a fortuna de outros tantos mais. A esta grande privação foi acrescida, acredito que por uma vez, apenas, a perda de um outro bibliopolar amigo§, cujo vigoroso intelecto e idéias liberais não apenas renderam a seu país nativo o mercado de sua literatura própria, como também nele estabeleceu uma corte das letras, à qual é devido respeito, mesmo daqueles inclinados a discordar de muitos de seus cânones. O efeito dessas mudanças, operadas em grande medida pelo forte senso e sagazes cálculos de um

indivíduo, que sabia avaliar a si mesmo a uma extensão inesperada, das várias espécies de talento que este país produziu, provavelmente aparecerá de forma mais clara à geração que se seguir a esta.

Adentrei a loja em Cross para inquirir sobre a saúde de meu valoroso amigo, e soube com satisfação que sua residência no sul abateu o rigor dos sintomas de sua desordem. Aproveitando-me, então, dos privilégios aos quais aludi, perambulei um pouco por aquele labirinto de saletas escuras, ou *criptas*, para usar nossa própria linguagem de antiquário, que formam as extensas instalações dos fundos dessa celebrada casa de publicação. E, não obstante, à medida que prosseguia de um recinto obscuro a outro, repletos, alguns deles, de volumes antigos – que por sua equidade de classificação nas estantes, suspeitei serem os livros modernos menos vendáveis da firma –, não pude evitar sentir um sacro horror acercar-se de mim, quando pensei no risco de intrometer-me com algum extático bardo, dando vazão a sua fúria poética; ou, como poderia acontecer, com a privacidade ainda mais formidável de um bando de críticos, no ato de apoquentar o jogo que eles apenas encerraram. Em tal pretensão caso, senti antecipadamente os horrores dos videntes da Terra Alta, cujo dom da deuteroscopia compele a testemunhar coisas imperscrutáveis ao olho mortal; e que, para usar a expressão de Collins,

“[...] impiedosa, fica, como soturna
[demência, a fitar
A ver o comboio fantasma sua secreta obra
[preparar”².

No entanto, ainda assim o irresistível impulso de uma indefinível curiosidade guiou-me através dessa sucessão de câmaras sombrias, até que, como o joalheiro de Delhi na casa do mágico Bennaskar³, eu, por fim, alcancei uma sala abobadada, dedicada ao segredo e ao silêncio, e distingui, sentada ao lado de uma lamparina, ocupada em ler uma prova de emendas borrada, a pessoa, ou, melhor diria, a Imagem, ou visão representativa, do *Autor de Waverley*! Não

* Corderias – Um dos livros escolares mais comuns do final do último século – *Colloquiorum Centuria Selecta Maturini Corderii*. [N.T.: “corderies”, no original. Scott refere-se ao final do século XVIII.]

† Falecido comerciante de vinhos de Edimburgo.

‡ John Ballantyne, livreiro. Consultar nota F, vol. VIII.

§ Archibald Constable.

- Os não-iniciados devem ser informados de que se trata da assim chamada segunda prova.

ficareis surpreso com o instinto filial que me permitiu sem demora conhecer as feições dadas à luz por essa venerável aparição, e de eu ter imediatamente me ajoelhado, com a clássica saudação de *Salve, magne parens*⁴! A visão, contudo, interrompeu-me, apontando uma cadeira e insinuando, ao mesmo tempo, que minha presença não era esperada e que ele tinha algo a me dizer.

Sentei-me com humilde obediência e empenhei-me em notar-lhe as feições com as quais acho-me agora tão inesperadamente em sociedade. Mas, sobre este ponto, não posso dar a vossa reverência nenhuma satisfação; pois, apesar da escuridão do cômodo e do estado alvoroçado de meus próprios nervos, percebia-me tomado por um sentimento de admiração filial, que obstou meu reparo e memória, o que é provável que o personagem diante de mim deve muito ter desejado manter encoberto. De fato, sua figura era tão parcimoniosamente velada e encrespada, fosse com um manto, camisola de dormir ou outras folgadas vestes, que os versos de Spenser bem se aplicariam:

“É certo, ainda, por sua face e fisionomia, Que ela homem ou mulher somente fosse Bem descrever criatura nenhuma poderia”⁵.

Devo, todavia, continuar como iniciei, para aplicar o gênero masculino; pois, não obstante razões bastante engenhosas e, de fato, algo como positiva evidência tenham sido oferecidos para provar ser o *Autor de Waverley* duas senhoras de talento, devo arrostar a opinião geral e afirmar que ele é do sexo forte. Há, em seus escritos, coisas demais

“*Quæ maribus sola tribuuntur*”⁶

para permitir-me nutrir qualquer dúvida sobre esse assunto. Prosseguirei, à maneira de diálogo, para repetir o mais aproximadamente que puder o que se passou entre nós, observando apenas que, no curso da conversação, minha timidez imperceptivelmente deu lugar à familiaridade de suas maneiras; e que, na parte conclusiva de nosso diálogo, eu tenha, talvez, argumentado com tanto

mais confiança quanto seria apropriado.

AUTOR DE WAVERLEY – Estava querendo vos ver, Capitão Tagaretreco, pessoa de minha família a quem mais estimo desde a morte de Jedediah Cleishbotham⁷; e temo ter-vos feito algum mal, ao vos aquinhoar *O Mosteiro* como parte de meus bens. Tenho algumas intenções de vos agradar, nomeando-vos padrinho desta criança ainda por nascer (e indicou as provas com o dedo)... Mas, primeiro, tocante ao *Mosteiro*... O que diz o mundo? – vós ides ao estrangeiro e podeis saber.

CAPITÃO TAGARETRECOS – Hum! Hum! A consulta é delicada – Nada ouvi de queixas dos editores.

AUTOR – Essa é a principal matéria; ainda assim, contudo, uma obra indiferente é, por vezes, levada a reboque por aqueles que deixaram uma enseada diante dela, com a brisa em sua popa. Que dizem os críticos?

CAPITÃO – Há um... sentimento... geral de que a Dama Branca⁸ não é favorita.

AUTOR – Penso que ela é falha minha mesmo; mas antes em execução do que em concepção. Pudesse eu ter invocado um *esprit follet*, ao mesmo tempo fantástico e interessante, caprichoso e afável; uma espécie de fogo-fátuo dos elementos, sem obrigação com leis fixas ou motivos de ação; fiel e extremoso, ainda que importuno e incerto...

CAPITÃO – Se me perdoais a interrupção, senhor, creio que estais a descrever uma encantadora mulher.

AUTOR – Por minha palavra, creio que sim. Devo investir meus espíritos elementares com um pouco de carne e sangue humanos – eles estão desenhados por demais finamente para o presente gosto do público.

CAPITÃO – Eles objetam, ainda, que o objeto de sua Nixie deveria ser mais uniformemente nobre... Seu afogar de padre não tem nada do passatempo de Naiade.

AUTOR – Ah! eles deveriam permitir os caprichos daquilo que, no fim das contas, não passa de um tipo melhorado de diabrete. O banho em que Ariel, a mais delicada criação da imaginação de Shakespeare, seduz nosso alegre amigo Trínculo não era de âmbar e água de rosas. Ninguém, porém, poderá me achar remando contra a corrente. Não me

importa quem tenha conhecimento disso – escrevo para divertimento geral; e, embora eu nunca almeje a popularidade por meios que eu considere indignos, não serei, por outro lado, pertinaz na defesa de meus próprios erros contra a voz do público.

CAPITÃO – Abandonais, então, na presente obra – (olhando, por meu turno, para as provas) – o místico e o mágico, e todo o sistema de sinais, prodígios e auspícios? Não há sonhos, ou presságios, ou alusões obscuras a eventos futuros?

AUTOR – Nenhum rangido de Cock Lane, meu filho – nenhuma batida de tambor de Tedworth⁹ – não tanto quanto o pobre instante de um velador solitário no lambril. Tudo está às claras e sem subterfúgios – um metafísico escocês poderia acreditar em cada palavra dela.

CAPITÃO – E a história é, presumo, natural e provável; começa de modo surpreendente, prossegue naturalmente e acaba de maneira feliz – como o curso de um rio célebre, que jorra da boca de algum obscuro e romântico grotão – deslizando furtiva, sem pausa, sem precipitar seu curso, visitando, de certa forma, por instinto natural, todo assunto digno de interesse apresentado pelo país no qual se passa, alargando e aprofundando em interesse à medida que vai fluindo; e, ao cabo, chegando à catástrofe final como nalgum vasto porto, onde navios de toda espécie arreiam velames e vergas?

AUTOR – Ei! Ei! Que diabos é isso tudo? Por que – “veia de Éracles”¹⁰, seria necessário alguém muito mais como Hércules do que como eu – produzir uma história que deva jorrar e deslizar, sem nenhuma pausa, e visitar, e alargar, e aprofundar e todo o resto ademais. Eu estaria com o queixo bem no fundo do túmulo, homem, antes que pudesse terminar minha tarefa; e, nesse ínterim, todos os sofismas e cavilações que eu pudesse ter urdido para o divertimento de meus leitores jazeriam em putrefação em meu ventre, como os chistes suprimidos de Sancho, quando se encontrava ao desagrado de seu mestre. Não houve jamais um romance escrito nesse plano enquanto o mundo aguardava.

CAPITÃO – Perdoai-me: *Tom Jones*.

AUTOR – Verdade, e talvez também *Amélia*. Fielding tinha altas noções da dignidade de uma arte da qual ele pode ser considerado o fundador. Ele lança uma comparação entre o romance e o épico. Smollet, Le Sage e outros, emancipando-se da rigidez das regras que ele ditou, escreveram, antes, uma história das variadas aventuras que ocorrem a um indivíduo no curso da vida, do que a trama de uma epopéia regular e conectada, em que cada passo nos leva a um ponto mais próximo da catástrofe final. Esses grandes mestres ficariam satisfeitos se divertissem o leitor em viagem; embora a conclusão chegue somente porque o conto deve ter um fim – assim como o viajante apeia na estalagem porque é noite.

CAPITÃO – Um modo bastante cômodo de viajar, pelo menos para o autor. Em suma, senhor, sois da opinião de Bayes: “Para que diabos serve a trama, senão para trazer à cena coisas requintadas”¹¹?

AUTOR – Suponha que seja, e que eu devesse escrever com senso e espírito algumas cenas, pouco trabalhadas e tenuamente juntadas, mas que tivessem em si interesse suficiente para entreter em um canto a dor do corpo; em outro, para aliviar a ansiedade da mente; em um terceiro lugar, para alisar uma sobrançelha vincada pelos sulcos da labuta diária; em outro, para ocupar o lugar dos maus pensamentos, ou para sugerir melhores; em outro ainda, para induzir o ocioso a estudar a história de seu país; em toda parte, salvo onde a leitura cuidadosa interromper o sério cumprimento do dever, para proporcionar indene distração – não venha o autor de tal obra, por mais inartificialmente executada, alegar para seus erros e negligências a escusa do escravo, que, prestes a ser punido por ter espalhado a falsa notícia de uma vitória, salvou-se exclamando “Sou culpado, ó atenienses, de ter-lhes dado um dia de felicidade?”

CAPITÃO – Vossa benemerência permitir-me-ia mencionar uma anedota de minha excelente avó?

AUTOR – Penso que pouca ligação pode ela ter com o assunto, Capitão Tagaretreco.

CAPITÃO – Ela pode entrar em nosso diálogo no plano de Bayes: essa sagaz velha

senhora – que sua alma descanse – era boa amiga da Igreja e jamais podia suportar ouvir um ministro ser difamado por más línguas sem tomar, entusiasticamente, a sua parte. Havia um ponto fixo, contudo, em que ela sempre abandonava a causa de seu reverendo *protégé* – que era o de tão logo lhe saber proferir sermões habituais contra caluniadores e maledicentes.

AUTOR – E o que tem isso com nosso propósito?

CAPITÃO – Somente que ouvi engenheiros dizerem que se acaba por entregar o ponto fraco ao inimigo quando é demasiada a ostentação em fortificá-lo.

AUTOR – Rogo-lhe ainda outra vez: o que tem isso com nosso propósito?

CAPITÃO – Nada, pois, sem mais metáfora; temo que essa nova produção, na qual vossa generosidade parece dar-me alguma relação, acabe por ficar na necessidade da escusa, já que pensais apropriado iniciar sua defesa antes mesmo que o caso esteja sob julgamento. A história é precipitadamente atropelada; vou abrir um quartilho de clarete.

AUTOR – Um quartilho de porto, você quer dizer?

CAPITÃO – Digo de clarete, um bom clarete do *Mosteiro*. Ah, senhor, se seguísseis o conselho de vossos amigos e vos esforçásseis por merecer a metade do favor do público que conquistastes, todos beberíamos Tokay!

AUTOR – Não me importa o que bebo, seja o liquor benéfico.

CAPITÃO – Importe-se com sua reputação, então, com sua fama.

AUTOR – Minha fama? Vou responder-vos como um amigo bastante engenhoso, hábil e experiente, advogado do notório Jem Mac-Coul**, retrucou ao outro lado do tribunal, quando deram importância à recusa de seu cliente em responder algumas perguntas, às quais diziam que nenhum homem que estimasse sua reputação hesitaria em responder. “Meu cliente”, disse ele – aliás, Jem estava sentado atrás dele, nesse instante, formando uma divertida cena –, “é tão desafortunado que sequer tem estima por sua reputação; e eu estaria sendo muito desonesto com a corte se dissesse que ele tem alguma que valha sua

atenção”. Estou, embora por razões muito diferentes, no feliz estado de indiferença de Jem. Deixemos a fama seguir aqueles que possuem um feitio substancial. Uma sombra – e um autor impessoal não é melhor que isto – não pode lançar outra.

CAPITÃO – Não estais sendo agora, talvez, tão impessoal quanto fostes até aqui. Estas Cartas ao Membro da Universidade de Oxford††...

AUTOR – Mostram a agudeza, o gênio e a delicadeza do autor, que eu cordialmente gostaria de ver engajado em assunto de maior importância; e mostram, ademais, que a preservação de meu caráter de *incognito* engajou prematuro talento na discussão de uma curiosa questão de evidência. Mas uma causa, embora engenhosamente pleiteada, não está por consequência ganha. Podeis vos lembrar de que a cadeia de evidência circunstancial caprichosamente forjada, tão artificialmente apresentada para provar o direito de Sir Philip Francis¹² às *Cartas de Junius*, parecia, de início, irrefragável; todavia a influência do raciocínio passou, e *Junius*, na opinião geral, continua tão desconhecido quanto antes. Mas, nesse assunto, não serei mitigado ou provocado a dizer uma palavra mais. Dizer quem não sou seria um passo na direção de dizer quem sou; e, como não desejo – não mais que uma certa justiça da paz mencionada por Shenstone – o rumor ou estrondo que tais coisas causam no mundo, continuarei em silêncio a respeito de um assunto que, na minha opinião, é bem desmerecedor do barulho que tem sido feito em torno de si, e ainda mais indigno do emprego sério de tal ingenuidade, como tem sido demonstrado pelo jovem escritor dessas cartas.

CAPITÃO – Mas concedendo, meu caro senhor, que não vos importais com vossa reputação pessoal, ou com aquela de qualquer pessoa literária sobre cujos ombros vossas faltas possam ser visitadas, permita-me dizer que a gratidão comum ao público que tão acolhedoramente vos recebeu, e aos críticos que vos têm tratado com tanta leniência, devia vos induzir a outorgar mais dor a vossa história.

AUTOR – Eu vos peço, meu filho, como

** Este personagem era natural de Londres, tendo sido julgado e condenado em 1820 por roubar £20.000 de um banco de Glasgow.

†† Cartas a Richard Heber, Esq., Membro da Universidade de Oxford, contendo observações críticas sobre os *Romances de Waverley* e uma tentativa de averiguar o autor. Por J. L. Adolphus, Londres, 1821.

diria o dr. Johnson, que “livre sua mente da cantilena”. Pois os críticos, eles têm o seu ramo, como eu tenho o meu; como diz o provérbio infantil:

“As crianças na Holanda têm o prazer de
[fabricar
O que as crianças na Inglaterra têm o
[prazer de quebrar”.

Sou seu humilde chacal, muito ocupado em providenciar-lhes comida para ter tempo de considerar se eles a engolem ou a rejeitam. Ao público, ponho-me praticamente na relação do carteiro que deixa um pacote na porta de um indivíduo. Se ele contém notícia prazenteira, um bilhete da parte de uma dama, uma carta de um filho ausente, uma remessa de um correspondente tido em falência, a carta é aceitavelmente bem-vinda, e lida e relida, dobrada, arquivada e seguramente depositada no escritório. Se o conteúdo é desagradável, se vem de um credor ou de uma pessoa enfadonha, o correspondente é amaldiçoado, a carta é lançada ao fogo e a despesa da postagem é grandemente sentida; ao passo que, todo o tempo, o portador dos despachos é, em cada caso, lembrado tão pouco como a neve do último Natal. A última extensão de cordialidade entre o autor e o público que pode realmente existir é que o mundo esteja disposto a ser algo como indulgente às obras subsequentes a um original favorito, como se não passasse de uma contabilidade do hábito que a mente do público adquiriu; ao passo que o autor, muito naturalmente, pensa bem do gosto *deles*, que tão liberalmente aplaudiram *suas* produções. Mas nego haver qualquer reivindicação de gratidão propriamente dita, de um lado e de outro.

CAPITÃO – O respeito a vós mesmo, então, deveria ensinar-vos a cautela.

AUTOR – Ai, pudesse a cautela aumentar a chance de meu sucesso. Mas, para vos confessar a verdade, as obras e passagens nas quais fui bem-sucedido foram uniformemente escritas com a maior rapidez; e quando vi algumas delas postas em oposição a outras, e louvadas como mais bem acabadas, pude apelar à caneta e ao tinteiro que as

partes em que me saí debilmente eram, de longe, as mais amanhadas. Ademais, duvido do efeito benéfico da demora demasiada, tanto em conta do autor quanto do público. O homem deve forjar enquanto o ferro está quente, e içar velas enquanto o vento está a favor. Se um autor bem-sucedido não guardar seu estrado, outro instantaneamente levará seu chão. Se um escritor retira-se por dez anos antes de produzir uma segunda obra, ele é desbancado por outros; ou, se a época for tão pobre de gênio que isto não se dê, sua própria reputação se torna seu maior obstáculo. O público irá esperar que a nova obra seja dez vezes melhor que a predecessora; o autor irá esperar que ela seja dez vezes mais popular; e é de cem a dez a chance de que ambos se desapontem.

CAPITÃO – Isso pode justificar um certo grau de rapidez na publicação, mas não o que nos é dito proverbialmente para não ter pressa. Vós deveis guardar tempo pelo menos para organizar vossa história.

AUTOR – Esse é um ponto dorido para mim, meu filho. Crede-me, não fui tolo o bastante para negligenciar precauções ordinárias. Pus minha futura obra repetidamente em escala, dividi-a em volumes e capítulos, e empenhei-me em construir uma história a qual pretendia que pudesse evolver gradualmente e com surpresa, manter o suspense e estimular a curiosidade; e que, finalmente, terminasse em uma notável catástrofe. Mas penso haver um demônio a sentar-se, ele próprio, sobre a pena de minha caneta quando começo a escrever, e a extraviá-la do propósito. Personagens se expandem sob minha mão; a história se prolonga, ao passo que o material aumenta; minha mansão comum transforma-se em uma anomalia gótica, e o trabalho é encerrado muito antes de atingir o ponto a que me propus.

CAPITÃO – Resolução e determinada paciência podem remediar esse mal.

AUTOR – Ai de mim! Meu caro senhor, vós não conheceis a força da afeição paternal. Quando me deparo com um personagem como Bailie Jarvie ou Dalgetty¹³, minha imaginação se aviva, e minha concepção se torna mais clara a cada passo que dou em sua companhia, embora isso me leve muitas

fatigadas milhas distante do caminho correto e force-me a saltar por montes e vales para repor-me em rota novamente. Se resisto à tentação, como me aconselhais, meus pensamentos se tornam prosaicos, simplórios e obtusos; escrevo dolorosamente para mim mesmo, e sob uma consciência de esmorecimento que me faz esmorecer ainda mais; o raio solar com que a fantasia investiu os incidentes deles parte, deixando tudo obtuso e abatido. Já não sou mais o mesmo autor que fui, em meu melhor ânimo, do que o cachorro em uma roda, condenado a rodar e rodar por horas, é como o mesmo cão que festivamente persegue o próprio rabo, cabriolando em toda galhofa e irrestrita liberdade. Em suma, senhor, em tais ocasiões, penso ter sido enfeitiçado.

CAPITÃO – Nada disso, senhor, se alegardes feitiçaria, não haverá nada mais a ser dito – quando o diabo puxa, a gente não pode resistir. E esta, suponho, senhor, é a razão pela qual o senhor não faz a tentativa teatral à qual tendes sido tão freqüentemente solicitado?

AUTOR – Pode servir como bom motivo para não escrever uma peça o fato de que não consigo formar uma trama. Mas a verdade é que a idéia adotada por juízes demasiadamente favoráveis a minha pouca aptidão para o departamento da poesia se fundou em grande parte naquelas frações de peças antigas, as quais, por saírem de uma fonte inacessível aos colecionadores, foram apressadamente consideradas resultado do meu senso comum. Entretanto, a maneira pela qual acabei possuidor desses fragmentos é tão extraordinária que não posso deixar de contá-la. Deveis saber que, cerca de vinte anos desde que desci para visitar um velho amigo em Worcestershire, que servira comigo nos... Dragões...

CAPITÃO – Então vós *servistes*, senhor?

AUTOR – Sim, ou não, o que dá no mesmo. Capitão é um bom nome de viagem. Encontrei a casa de meu amigo inesperadamente cheia de convidados, e, como de costume, fui condenado – sendo a casa antiga – ao *quarto mal-assombrado*. Já vi, como disse um grande moderno, fantasmas demais para acreditar neles; logo, dirigi-me com

seriedade a meu repouso, embalado pelo vento que sussurrava entre as tília, cujos ramos quadriculavam o luar que caía ao solo através do caixilho de losangos, quando eis que uma sombra mais escura se interpôs e eu distingui visivelmente, no chão do quarto...

CAPITÃO – A Dama Branca de Avenel, suponho? Já contastes essa mesma história antes.

AUTOR – Não. Distingui uma forma feminina, de touca, peitilho e avental, mangas dobradas ao cotovelo, um peneirador em uma mão e, na outra, uma grande concha. Concluí, obviamente, que se tratava da cozinheira de meu amigo caminhando sonâmbula; e, por saber que ele estimava Sally, que virava uma panqueca como nenhuma outra rapariga em todo o país, levantei-me para conduzi-la à porta em segurança. Porém, ao aproximar-me, ela disse: “Espere, senhor! Eu não sou aquilo por que me tomais”, palavras que pareceram tão apósitadas às circunstâncias que eu não lhes teria dado tanta importância não fosse pelo tom peculiarmente cavernoso em que foram proferidas. “Saiba, pois”, disse ela, com a mesma espectral entonação, “que sou o espírito de Beth Barnes”. “Que se enforcou por amor do cocheiro”, pensei, “trabalhinho oportuno”! “Da infeliz Elizabeth, ou Beth, Barnes, velha cozinheira do Sr. Warburton, penoso colecionador, mas, ah!, o tão descuidado depositário da maior coleção de peças antigas de que se tem notícias – da maioria das quais resta apenas o título, para alegria dos Prolegômenos de Shakespeare Ecdótico. Sim, estranho, foram estas mal-afortunadas mãos que entregaram ao sebo e à conflagração a escritura de pequenos Quartos, que, existissem hoje, tirariam o Roxburghe Club inteiro de seus sentidos – foram esses ladrõezinhos e larápios que sapecaram gordas aves e sujas e arranhadas tábuas de destrinchar com as obras perdidas de Beaumont e Fletcher, Massinger, Jonson, Webster – o que direi? – mesmo do próprio Shakespeare!”. Como todo antiquário dramático, minha ardente curiosidade acerca de alguma peça citada no Livro do Mestre dos Divertimentos¹⁴ foi, com freqüência,

refreada, ao localizar o objeto de minha pesquisa enumerada no holocausto de vítimas que essa infeliz mulher sacrificou ao Deus do Bom Brindar. Não é de espantar, pois, que, como o Eremita de Parnell,

“Rompi as amarras do medo, e furioso
[ralhei:
Jade descuidada! – Mas as palavras foram
[embora
Quando Betty alto brandiu sua
[caçarola”¹⁵.

“Cuidado”, disse ela, “não desperdice, com sua raiva inoportuna, a oportunidade que ainda tenho para reparar ao mundo os erros de minha ignorância. Numa carvoeirinha distante, sem uso por quase um ano, repousam os poucos sebosos e pretejados fragmentos do mais antigo Drama que não foi totalmente destruído. Ides, pois...” Ora, o que fitais, Capitão? Por minh’alma que é verdade; como diz meu amigo, o major Longbow¹⁶, “Por que motivo eu mentiria ao senhor?”.

CAPITÃO – Mentir, senhor! Não, o Céu profibame de aplicar essa palavra a pessoa tão veraz! Estais apenas um pouco inclinado a perseguir o próprio rabo esta manhã, é tudo. Não seria melhor reservar esse conto para servir de introdução a “Três Dramas Recuperados”, ou coisa parecida?

AUTOR – Estais certíssimo – o hábito é coisa estranha, meu filho. Esqueci-me com quem estava a falar. Sim, peças para o gabinete, não para o palco...

CAPITÃO – Correto. E, assim, é seguro de serem encenadas; pois os diretores, embora milhares de voluntários estejam desejosos de lhes servirem, são assombrosamente parciais a homens publicados.

AUTOR – Disso sou testemunha viva, tendo sido, como um segundo Labério, virado forçosamente em dramaturgo. Creio que minha musa ficaria *Terry*velmente** horrorizada em pisar o palco, mesmo que eu escrevesse um sermão.

CAPITÃO – De fato, se o fizésseis, temo que o povo o tornaria em farsa; e, portanto, caso mudásseis o estilo, eu aconselharia um volume de dramas como o de Lord Byron.

AUTOR – Não, sua senhoria está um grau acima de mim – eu não colocaria meu cavalo para correr contra o dele, nem que pudesse. Mas há meu amigo Allan, que escreveu uma peça tal que eu mesmo poderia escrevê-la em um dia bem ensolarado, e com uma das canetas extrapatente de Bramah¹⁷. Não posso fazer uma obra elegante sem tais apêndices.

CAPITÃO – Referis-vos a Allan Ramsay?

AUTOR – Não, nem tampouco a Barbara Allan. Refiro-me a Allan Cunningham, que acabou de publicar sua tragédia sobre Sir Marmaduke Maxwell, repleta de folguedos e assassínios, beijos e gargantas cortadas, e passagens que não levam a nada, mas que são passagens muito belas para tudo o mais. Nenhum lampejo de probabilidade há sobre a trama, mas tanta animação em passagens particulares e tamanha veia poética sobre o todo que eu, com gosto, desejaria poder infundir em minhas Obras Culinárias Póstumas, caso algum dia sentisse a tentação de publicá-las. Com uma impressão popular, as pessoas leriam e admirariam as belezas de Allan – como se acham, elas talvez pudessem notar apenas seus defeitos, ou, o que é pior, nem sequer notá-los. – Mas não se importe com eles, honesto Allan; você tem crédito com a Caledônia por tudo isso. – Há algumas efusões líricas dele, também, que você faria bem em ler, capitão. “Em casa, em casa”¹⁸ equivale a Burns.

CAPITÃO – Vou aceitar a indicação. O clube de Kennaquhair se tornou fastidioso desde que Catalani¹⁹ visitou a Abadia. Meu “Poortith Cauld”²⁰ foi recebido parca e friamente, e “Os Bancos de Doon Gracioso”²¹ foi positivamente obstado... *Tempora mutantur*²².

AUTOR – Eles não podem continuar inertes; eles mudarão com todos nós. E depois?

“Por tudo isso, um homem um homem é”²³.

Mas a hora de partir se aproxima.

CAPITÃO – Estais determinado a prosseguir, pois, em seu próprio sistema? Estais ciente de que um motivo indigno pode ser atribuído a essa rápida sucessão de publicações?

‡‡ “Terryvelmente horrorizada” – alusão jocosa a Daniel Terry, amigo do Autor e celebrado comediante que dramatizou mais de um dos romances de Waverley, levados ao palco com grande sucesso. O próprio Sir Walter podia ser visto dentre os espectadores, apreciando a execução tanto quanto os demais.

Sereis considerado a trabalhar meramente em favor do lucro.

AUTOR – Isto considerando, eu permiti as grandes vantagens que devem ser derivadas do sucesso da literatura para juntá-las a outros motivos a induzir-me a vir mais freqüentemente diante do público – esse emolumento é o imposto voluntário que o público paga por uma certa espécie de divertimento literário – não é extorquido de ninguém, e é pago, presumo, somente por aqueles que podem bancá-lo, e que recebem gratificação na proporção de sua despesa. Se a soma do capital que esses volumes puseram em circulação foi bastante grande, ela contribuiu para minha indulgência, apenas? ou não se poderia dizer que, para centenas, do honesto Duncan, o fabricante de papel, ao mais ranhento aprendiz de tipógrafo, “Não recebeste tua parte? Não te couberam quinze pences?”²⁴. Professo achar que nossa Moderna Atenas muito deve a mim por ter estabelecido tão extensa manufatura; e, quando o sufrágio universal entrar em moda, tenciono candidatar-me a uma cadeira na Câmara, no interesse de todos os sujos artífices ligados à literatura.

CAPITÃO – A isso poder-se-ia chamar linguagem de um fabricante de calicó²⁵.

AUTOR – Cantilenas de novo, meu filho – há visgo neste saco também – nada além da sofisticação neste mundo! Reafirmo que, apesar de Adam Smith e seus seguidores, um autor de sucesso é um trabalhador produtivo, e que suas obras efetivamente constituem uma parte da riqueza pública tanto quanto aquilo que é criado por qualquer outra fábrica. Se uma nova mercadoria, possuindo realmente um valor intrínseco e comercial, é o resultado da operação, por que as balas de livros do autor são consideradas parte menos lucrativa dos títulos públicos do que os produtos de qualquer outro fabricante? Falo com referência à difusão da riqueza montante ao público, e ao grau de indústria que mesmo uma obra frívola como a presente deve estimular e recompensar antes que os volumes deixem a loja do editor. Sem mim, isso não existiria, e, a esse ponto, sou um benfeitor ao

país. Quanto ao meu próprio emolumento, é ganho com minha labuta, e tenho por mim que dele devo prestar contas somente aos Céus acerca do modo como o gasto. O cândido pode esperar que não seja de todo dedicado a propósitos egoístas; e, sem muitas pretensões em julgar o mérito de quem o desembolsa, uma parte pode “seguir, por mando divino, para o pobre”.

CAPITÃO – Ainda assim, tem-se geralmente por base escrever pelos meros motivos do ganho.



AUTOR – Ter-se-ia por base assim fazê-lo exclusivamente, ou mesmo para torná-lo um motivo principal para o exercício literário. Não, aventurar-me-ei a dizer que nenhuma obra da imaginação procedente da mera consideração de uma certa soma de pagamento de direitos jamais teve, nem jamais terá, êxito. Assim, o advogado que apela, o soldado que combate, o médico que prescreve, o clérigo – se há – que ora, sem nenhum zelo por sua profissão, ou sem nenhum senso de sua dignidade, e meramente em conta de taxa, pagamento ou estipêndio, degradam a si mesmos às fileiras das mecânicas sórdidas. Igualmente, no caso de duas das faculdades cultivadas, pelo menos, seus serviços são considerados depreciáveis, e são reconhecidos não por alguma estimativa exata dos serviços prestados, mas por um *honorarium*, ou reconhecimento voluntário. Mas permita-se a um cliente ou paciente fazer o experimento de omitir essa pequena cerimônia do *honorarium*, o que é *censé* a ser uma coisa inteiramente fora de consideração entre eles, e note como o cavalheiro cultivado estimará seu caso. Cantilena à parte, é a mesma coisa com o emolumento literário. Nenhum homem de bom senso, em nenhuma fileira da vida, está, ou deveria estar, acima de aceitar uma recompensa justa por seu tempo, e uma divisão racional do capital que deve sua própria existência a seus exercícios. Quando o czar Pedro lutou nas trincheiras, recebeu o pagamento de um soldado comum; e nobres, estadistas e sacerdotes, os mais distintos de suas épocas, não menosprezaram acertar contas com seus livreiros.

CAPITÃO – (*canta*)

“Oh, fosse coisa sem valor
Gente de bem não a usaria;
E se ímpio fosse
O clero a recusaria”.

AUTOR – Dizeis bem. Mas nenhum homem de honra, gênio ou espírito faria do mero amor ao ganho o principal – quanto menos o único – propósito de seus labores. De minha parte, não me desagradaria ser no jogo vitorioso; ademais, enquanto agradasse ao público,

eu provavelmente continuaria meramente pelo prazer de jogar; pois senti de modo tão forte quanto a maioria do povo aquele amor da composição que é, talvez, o mais forte de todos os instintos – levar o autor à caneta, o pintor à paleta, com frequência sem nem ter sequer a chance da fama ou o prospecto do prêmio. Talvez eu tenha falado demais a esse respeito. Eu poderia, quem sabe, com tanta verdade quanto a maior parte das pessoas, excusar-me do encargo de ser de uma disposição cúpida ou mercenária; mas não sou, porém, hipócrita o bastante para repudiar os motivos ordinários, em conta dos quais o mundo todo ao meu redor labuta infatigavelmente, em sacrifício do bem-estar, conforto, saúde e vida. Não afeto o desinteresse dessa engenhosa associação mencionada por Goldsmith, que vendeu suas revistas a seis pences o exemplar meramente por divertimento próprio.

CAPITÃO – Tenho apenas uma coisa mais a aludir. Todo mundo diz que o senhor vai se esgotar.

AUTOR – Dizem a verdade; e depois? Quando eles deixarem de dançar, eu deixarei de tocar; e não vou querer petulantes tantos que me recordem da apoplexia.

CAPITÃO – E o que será de nós, então, vossa pobre família? Cairemos no desdém e no olvido.

AUTOR – Como muitos dos pobres companheiros, já acabrunhados com o número de suas famílias, não posso deixar de seguir para aumentá-la. “É minha vocação, Hal!”²⁶. Alguns de vós, por merecer o olvido – talvez vós todos –, podeis cair nele. De toda maneira, fostes lido em vossos dias, o que é mais do que pode ser dito de alguns de vossos contemporâneos de menor fortuna e maior mérito. Eles não podem dizer senão que você *teve* a coroa. É sempre alguma coisa ter chamado a atenção do público por sete anos. Tivesse eu escrito somente *Waverley*, teria sido por muito tempo desde então, de acordo com a sentença estabelecida, “o engenhoso autor de um romance muito admirado em sua época”. Creio, por minh’alma, que a reputação de *Waverley* sustenta-se em grande parte devido aos louvores daqueles que podem

estar inclinados a preferir esse conto a seus sucessores.

CAPITÃO – Estais querendo, então, permutar reputação futura por popularidade presente?

AUTOR – *Meliora spero*²⁷. O próprio Horácio não esperava sobreviver em todas as suas obras – posso esperar viver em algumas das minhas; *non omnis moriar*²⁸. Consola um pouco refletir que os melhores autores, em todos os países, foram os mais volumosos; e aconteceu com frequência que aqueles que foram mais bem recebidos em sua própria época também continuaram a ser aceitos na posteridade. Eu não penso tão mal da presente geração a ponto de supor que seu privilégio presente necessariamente infira condenação futura.

CAPITÃO – Agissem todos sob tais princípios e o público seria inundado.

AUTOR – Uma vez mais, meu caro filho, tende cuidado com a cantilena. Falais como se o público fosse obrigado a ler livros simplesmente porque eles são impressos – seus amigos livreiros lhe agradeceriam por fazer a boa proposição. O mais sério agravo a atender tais inundações, como vós as pondeis, é que elas fazem prezar os farrapos. A multiplicidade de publicações não traz à época atual nenhum dano, e pode dar grande vantagem àquela que acabará por nos suceder.

CAPITÃO – Não vejo como isso poderá acontecer.

AUTOR – As queixas, no tempo de Elizabeth e James, acerca da fertilidade alarmante da imprensa soavam tão altas quanto soam hoje – não obstante, olhamos para a costa sobre a qual a inundaçāo daquela época encheu e ela parece agora a Rica Praia da Rainha das Fadas...

“Tudo cobriu com ricas vestes
De pérolas e preciosas pedras de altos quilates
Toda piçarra a dourado ouro misturada”²⁹.

Crede-me que mesmo nas obras mais refutadas da época atual a próxima poderá descobrir tesouros.

CAPITÃO – Alguns livros desafiarão toda alquimia.

AUTOR – Sim, mas serão poucos em número; uma vez que, no que toca a escritores que não possuem absolutamente nenhum mérito, a menos, de fato, que publiquem suas obras às suas próprias custas, como Sir Richard Blackmore, seu poder de aborrecer o público logo será limitado pela dificuldade de encontrar livreiros incumbidos.

CAPITÃO – Sois incorrigível. Não haverá limites para vossa audácia?

AUTOR – Há os sagrados e eternos limites da honra e da virtude. Meu curso é como a câmara encantada de Britomart...

“Onde, olhando em torno, podia ler-se
Sobre a mesma porta, igual inscrição
Atrever-se – Atrever-se, em toda parte,
Atrever-se
Ao que ela cismou, sem achar-lhe razão;
Enfim na sala foi espiar, em outro canto,
Outra porta de ferro, onde se lia a inscrição
NÃO SE ATREVA TANTO”³⁰.

CAPITÃO – Bem, você deve aceitar o risco de prosseguir segundo seus próprios princípios.

AUTOR – Agi vós segundo os vossos, e cuidai de não ficar mandriando aqui até passar a hora do jantar. Adicionarei esta obra a seu patrimônio, *valeat quantum*³¹.

Aqui nosso diálogo terminou, pois um Apolião com a cara suja de fuligem do Canongate veio pedir as provas, da parte do sr. MCorkindale³²; e ouvi o sr. C reprimindo o sr. F, em outro compartimento do mesmo labirinto que descrevi, por consentir que alguém penetrasse tão profundamente na *penetralia* do templo deles.

Deixo-vos convosco para que formeis vossa opinião concernente à importância deste diálogo, e não posso senão crer que atenderei às vontades de nosso pai comum prefixando esta carta à obra a que ela concerne.

Fico, reverendo e caro Senhor,

Muito sincera e afetuosamente

A vossa disposição, etc., etc.

CUTHBERTO TAGARETRECOS
KENNAQUHAIR, 1^a de abril de 1822.

§§ Este esmerado senhor foi, por muitos anos, feitor na casa de impressão de Ballantyne.

- 1 Citação do Salmo 133, "quão bom e alegre é ver os irmãos unidos".
- 2 William Collins (1721-59), *Ode to The Popular Superstition of the Highlands of Scotland, Considered as the Subject of Poetry*. "[...] heartless, oft, like moody madness, stare/ To see the phantom train their secret work prepare".
- 3 Referência ao rico mercador e mágico Bennaskar, personagem de "História de Mahoud", de *Contos dos Gênios (Tales of the Genii)*, de Sir Charles Morel (pseudônimo de James Ridley).
- 4 "Salve, ó grande pai".
- 5 Edmund Spenser (1552-99), *The Faerie Queene*, Livro VII, Canto VII: "et, certes, by her face and physnomy, Whether she man or woman only were, That could not any creature well descry".
- 6 "Que só aos mares serão dados.
- 7 Jedediah Cleishbotham, personagem fictício que serviu de pseudônimo a Walter Scott em alguns de seus romances, pois Scott manteve-se incógnito em suas primeiras obras, assinando também como "O autor de *Waverley*" (seu primeiro romance).
- 8 Referência a uma personagem de *O Mosteiro*, um espírito que, com sua harpa, anuncia se um feito foi afortunado ou desafortunado.
- 9 Dois casos de *poltergeist* relatados: o primeiro em 1792, em Cock Lane, Londres, e o segundo em 1661, em Tedworth, Wiltshire.
- 10 Citação de *Sonho de uma Noite de Verão*, de W. Shakespeare, Ato I, Cena II.
- 11 Referência a *O Ensaio (The Rehearsal)*, de George V. Buckingham (1628-87), de que o poeta Bayes é personagem.
- 12 Sir Philip Francis (1740-1818), autor por fim reconhecido das *Letters of Junius*, mas que teve que reivindicar a autoria em embate jurídico contra Charles Lloyd, Esq., que também a reivindicava. Consultar H. G. Bohn, *Lowndes's Bibliographer's Manual, new edition*, parte 5, 1860 para as cartas e um relato mais detalhado sobre a controvérsia.
- 13 Personagens de *Uma Lenda de Montrose*, de Walter Scott.
- 14 O Mestre dos Divertimentos (Master of Revels) era o oficial da corte inglesa responsável por supervisionar a produção e o financiamento de entretenimentos para a corte, e existiu desde os Tudor até o Ato das Licenças (Licensing Act) de 1737. Nos últimos anos de existência, era o emissor oficial de licenças a teatros e companhias teatrais, e censor das peças representadas publicamente.
- 15 Thomas Parnell (1679-1718), "The Hermit", alterado propositalmente por Scott: "I broke the bands of fear, and madly cried,/ 'You careless Jade!' – But scarce the words began,/ When Betty brandished high her saucing-pan".
- 16 Major Longbow, figura conhecida por contar histórias fantásticas de aventuras de que supostamente participara.
- 17 Joseph Bramah (1748-1814), inventor inglês que desenvolveu uma máquina para furar as penas das canetas de modo que elas contivessem a tinta dentro delas, liberando-a conforme a pressão exercida sobre um elástico.
- 18 Referência ao poema "Hame, Hame, Hame", de Allan Cunningham (1784-1842).
- 19 Alfredo Catalani (1854-93), compositor de óperas italiano.
- 20 Referência ao poema "Poorth Cauld and the Restless Love", de Robert Burns (1759-96).
- 21 Referência ao poema "The Banks o'Doon", de Burns.
- 22 Citação de Coripo, "os tempos mudam".
- 23 R. Burns, *The Humours of Whiskey*: "A man's a man for a that".
- 24 Citação de *As Alegres Comadres de Windsor*, de W. Shakespeare, Ato II, Cena II.
- 25 Calicó: tecido de algodão de tecelagem popular e simples, originário de Calcutá, Índia, no século XI.
- 26 Citação de *Henrique IV*, de W. Shakespeare, Parte I, Ato I, Cena II.
- 27 "Coisa melhor espero".
- 28 "Não morrerei inteiramente".
- 29 Spenser, op. cit., Livro III, Canto III: "Bestrew'd all with rich array/ Of pearl and precious stones of great assay;/ And all the gravel mix'd with golden ore".
- 30 Idem, ibidem, Canto XI: "Where, as she look'd about, she did behold/ How over that same door was likewise writ,/ Be Bold – Be Bold, and everywhere, Be Bold./ Whereat she mused, and could not construe it;/ At last she spied at that room's upper end/ Another iron door, on which was writ:/ BE NOT TOO BOLD".
- 31 "Valha o quanto (possa)".

Sojvi i